

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

História

Edição 2016

Fascículo 1
Unidades 1 e 2

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração de História

Gilberto Aparecido Angelozzi

Gracilda Alves

Sabrina Machado Campos

Denise da Silva Menezes do Nascimento

Márcia Pinto Bandeira de Melo

Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone

José Ricardo Ferraz

Priscila Aquino da Silva

Inês Santos Nogueira

Renata Moraes

Erika Arantes

Maria José Carvalho

Rafael Cupello Peixoto

Gustavo Souza

Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa

Anna Maria Osborne

José Meyohas

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional

Anna Maria Osborne

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Camille Moraes

Filipe Dutra

Fernanda Novaes

Larissa Averbug

Mario Lima

Núbia Roma

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 1	Repensando a História: o homem como sujeito e objeto da história	5
------------------	---	----------

Unidade 2	A conquista europeia na África e na América	45
------------------	--	-----------

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Como você pode verificar no mapa da América Latina, a espacialização das fronteiras é feita por meio de linhas que definem os territórios dos diversos países existentes no mundo.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas formas, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios. Há fronteiras administrativas, departamentais, provinciais e municipais. Há fronteiras que cada país define a sua divisão territorial. O importante é que cada país defina a sua divisão territorial de acordo com a sua cultura e compreensão de território.

Os indivíduos que formam um povo são em comum apenas cultura, raças, como língua nacional, religião, história, costumes, entre outros. Podemos, no entanto, encontrar em alguns países, como os povos da Índia, da China, da Rússia, entre outros, nacionalidades de extensão territorial que ao longo de sua história passaram por outros povos que vivem sob a influência de um poder político central.

A conquista europeia na África e na América

Fascículo 1
Unidade 2

A conquista europeia na África e na América

Para início de conversa...

Imagine viajar por lugares nunca antes sonhados, onde as pessoas andassem nuas, os frutos das árvores fossem de ouro, os animais de cores intensas e fortes, não haveria fome e sede, em que faria calor todos os dias do ano e as pessoas seriam de cor de pele, cabelo, fisionomia diferentes da nossa. Por outro lado, haveria monstros marinhos, animais com duas cabeças, a água poderia ferver e cozinhá-los a qualquer momento...

Quantas possibilidades, não é mesmo? Era essa a atmosfera do período das Grandes Navegações: homem novo, mundo novo!

Um dos livros que alimentou a imaginação das pessoas nessa época foi “O Mundo das Maravilhas”, de Marco Polo. Ele descreveu o que encontrou em suas “viagens”:

“

(...) fizera-se um belíssimo jardim, com todos os frutos e árvores que soubera encontrar e, ao redor daqueles, diversos e vários palácios e casas, adornados com trabalhos em ouro, pinturas, e equipados com tecidos de seda. Ali, por algumas canaletas que desembocam em diversas partes desses palácios, se via correr vinho, leite e mel e água claríssima (...)” (Porto Alegre, LP&M, 1996).

”

Mas, quem foi Marco Polo?

Marco Polo foi um mercador veneziano que, entre os séculos XIII e XIV, percorreu a rota da seda, conheceu regiões e povos do oriente e descreveu a geografia desses lugares, antes pouco conhecida pelos europeus ocidentais.

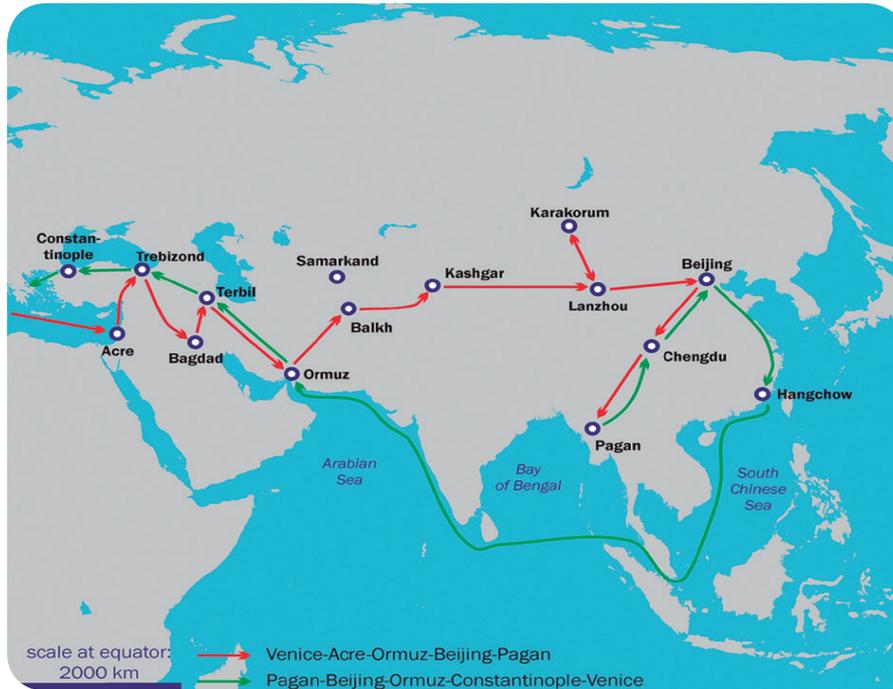


Figura 1: Viagens de Marco Polo.

O fascínio dessas histórias, tais como as contadas por Marco Polo, foi um fator do processo de expansão marítima da Europa entre os séculos XV e XVI. De fato, a observação dos mapas da época nos permite mergulhar neste universo e compreender as dimensões do mundo conhecido e as expectativas em torno do que viria.

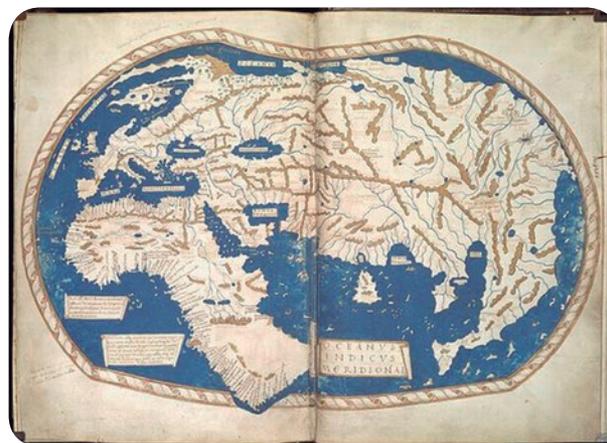


Figura 2: Mapa I – Mapa-múndi de Henricus Martellus, de 1489.



Figura 3: Mapa II – Mapa-múndi de Martin Waldseemüller, de 1507.



Figura 4: Mapa III de Martin Waldseemüller no qual a denominação "América" aparece pela primeira vez.

Observe os mapas anteriores. Eles são iguais às representações geográficas do mundo que temos atualmente? Você acha que eles foram desenhados por europeus, como o italiano Marco Polo, ou por homens que viviam nos continentes africano ou americano?

Antes de respondermos a essas e outras questões, devemos ter em mente que o mundo conhecido pelos chamados "ocidentais" nem sempre foi igual ao que conhecemos hoje. Embora povos e culturas diferentes tenham sem-

pre existido, a ideia do que conhecemos hoje como África, Ásia, Américas, Europa e Oceania são construções nascidas das concepções dos europeus, que viveram a expansão marítima e comercial, entre os séculos XV e XVI.

Isso significa que a África e a América, por exemplo, não existiam antes?

Os continentes e as populações que nele habitavam – em sua diversidade – existiam, é claro. O conjunto daquilo que hoje nomeamos África e América, não necessariamente. Para esclarecer isso um pouco melhor, que tal uma rápida viagem por essas partes do mundo antes do século XV? Que tal conhecermos as novidades trazidas pelo processo de conquista e colonização, empreendido pelos europeus a partir de então?

Vamos lá?

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a diversidade política e cultural e as relações estabelecidas entre europeus, africanos e povos nativos da América, no processo de colonização.
- Comparar as colonizações inglesa, francesa, espanhola e portuguesa.
- Caracterizar as relações de trabalho estabelecidas nas colônias.
- Analisar as diferentes atividades socioeconômicas desenvolvidas na América colonial.

Seção 1

Relações Atlânticas: mercantilismo, escravidão e relações entre negros, indígenas e europeus



Mar português

“Ó, mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram! [...]
Quem quer passar do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele foi que espelhou o céu.”

(PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Difel, 1986.)



Na cultura portuguesa, o mar ocupa um lugar muito importante. Sabe por quê? É que desde o século XV, pelo menos, a saída para os problemas portugueses tem sido o mar. A relevância do domínio das grandes navegações que tornaram possível cruzar o oceano Atlântico e entrelaçar suas margens é marcante na História. Foi a partir dessa iniciativa que sociedades distantes como os reinos africanos, os impérios Inca e Asteca na América, as tribos tupis, no Brasil, estabeleceram laços e definiram suas relações.

O que não aparece no trecho do poema de Fernando Pessoa é o “Outro” envolvido na questão. Seja ele africano, nativo americano ou europeu, as chamadas relações atlânticas se estabeleceram sob o prisma da dominação colonial.

Vamos compreender isso um pouco melhor?

Sociedades Africanas

Certamente você já ouviu falar muito sobre a África. Vamos listar algumas imagens que vem à cabeça sobre aquele continente? Animais selvagens, pobreza, guerras tribais, fome. Acertei? Pois é. De uma maneira geral, costu-

amos pensar o continente como se sua população, paisagem e realidade fossem homogêneas. Como você sabe, nossa maneira de ver o mundo é muito marcada pelo **etnocentrismo** e pelo **eurocentrismo**. A realidade, porém, é muito diferente disso. No continente africano, fala-se mais de mil diferentes idiomas, existem paisagens desérticas, savanas e florestas, além de sociedades em diferentes níveis de desenvolvimento tecnológico. A diversidade é tamanha que precisamos fazer escolhas. Dessa forma, optamos por levá-lo, ainda que rapidamente, à África Atlântica, aquela que vai do que hoje denominamos de Senegal a Angola.



Figura 5: África Continental.

Etnocentrismo

Avaliação ou julgamento de outros indivíduos ou sociedades à luz dos nossos próprios valores.

Eurocentrismo

Visão de mundo que coloca os valores europeus como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade considerada moderna.

Apesar do eurocentrismo, no estudo sobre o passado, podemos conhecer as sociedades africanas no período anterior à chegada dos conquistadores europeus, particularmente os impérios de Gana, do Mali, do Songai e de Hauçá podem ser estudados e conhecidos. É que estes povos deixaram registros escritos e arqueológicos que são utilizados como fontes de estudo e conhecimento dos povos africanos.

Sabe-se, por exemplo, que as organizações sociais e políticas variavam muito, de pequenas aldeias, micro-estados, a impérios com estrutura política e tributária. Importantes centros urbanos e comerciais foram localizados no Congo, em Moçambique e no Chade. Cidades como Tombuctu e Djenné prosperaram em função das rotas que atravessavam o deserto do Saara e das que vinham do sul do continente. **Mesquitas**, escolas e universidades foram ali criadas.

Mesquita

Local de culto para os seguidores do islamismo.

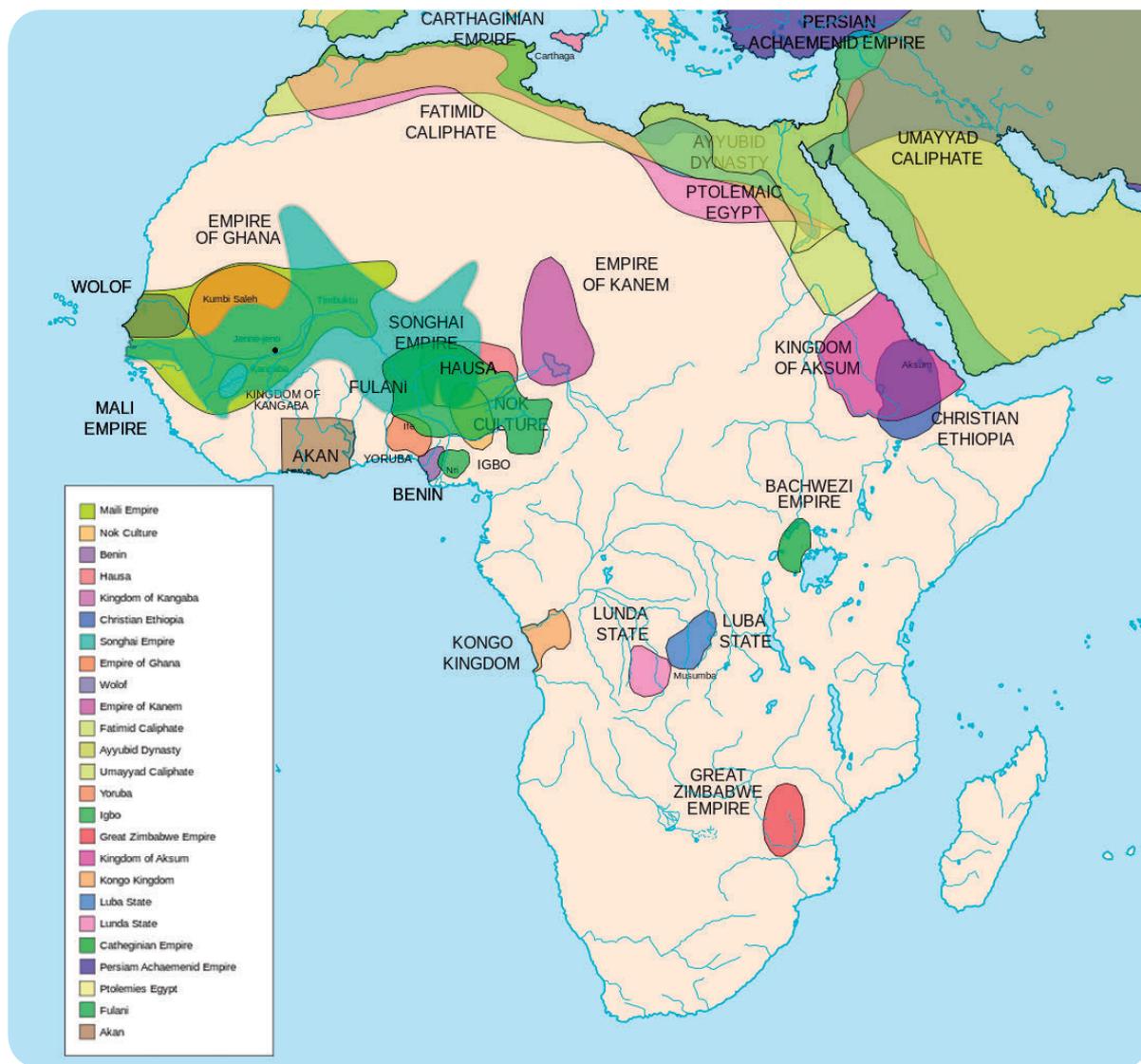


Figura 6: Diferentes grupos étnicos presentes na África antes das Grandes Navegações dos séculos XV-XVI.

O mesmo se pode dizer sobre o nível de desenvolvimento tecnológico. Os Dogon, do Mali, por exemplo, dominavam a astronomia e compreendiam que os planetas giram sobre si próprios e à volta do sol.

As religiões encontradas na África variam e diferem entre si, mas sabe-se que o culto à Natureza e aos animais faz parte da maioria delas. É notável também a expansão do islamismo na África.

Saiba Mais

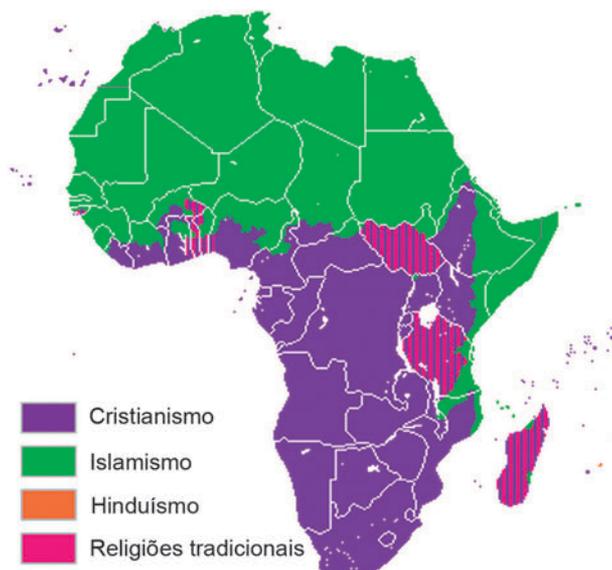


Figura 7

A observação do mapa, feito em 2005, mostra o alcance da religião islâmica na África contemporânea.

Fundada no século VII, por Maomé, a religião islâmica baseia-se no livro sagrado o “Alcorão” e se difundiu na África no século VIII.

Os adeptos do islamismo são chamados de muçulmanos.

O alcorão chega junto com as barras de sal, os fardos dos tecidos, os cestos, os objetos de cobre e os alimentos. (...) A gente local, devota de divindades ligadas à terra, às águas, às árvores, temia e respeitava este mito de comerciantes e sacerdotes, que perambulavam com talismãs ao pescoço – saquinhos de couro contendo um trecho do Corão capazes de protegê-los de feitiçarias e inimigos. Além disso, previam o futuro, cuidavam dos enfermos e rezavam para chover.

(PRIORI, Mary Del e VENÂNCIO, Renato. *Ancestrais: uma introdução à História da África atlântica*. São Paulo: Edusp, 2004).

A vida e a organização dos povos africanos mudou significativamente com a intensificação do comércio de pessoas por europeus. A escravidão de africanos, vendidos na América, na região do Mediterrâneo e na Ásia, entre os séculos XVI e XIX, conhecida como **diáspora africana** na perspectiva africana, retirou cerca de 12,5 milhões de pessoas do continente.

Diáspora africana

Dispersão por emigração forçada da população africana para países que utilizavam mão de obra escrava.

A escravidão já existia na África antes da chegada dos europeus, sua natureza e dimensões eram, entretanto, muito diferentes. No período pré-colonial, o escravo era vinculado a uma família e, sendo sua propriedade coletiva, não podia ser vendido. Seus filhos nasciam livres e havia certa autonomia econômica e cultural, embora os escravos devessem pagar tributos aos seus senhores. Com a chegada dos europeus, a escravidão transformou-se no principal negócio entre esses e os africanos, o que motivou a intensificação de guerras entre povos africanos no intuito de capturar escravos para serem vendidos aos europeus. Além disso, os armamentos obtidos neste comércio ampliaram a capacidade de destruição dessas guerras.



A abertura do Atlântico ao comércio marcou uma ruptura radical na história da África, especialmente porque este comércio também envolvia a exportação de milhares de escravos. Antes desse desenvolvimento comercial, as costas atlânticas da África tinham estado praticamente isoladas do mundo exterior. Certa quantidade de sal e peixe era comercializada no interior em troca de alimento, mas, de um modo geral, a linha do litoral era uma barreira. A mudança tecnológica do transporte oceânico teve um enorme impacto econômico, tornando disponíveis novas fontes de riqueza para os habitantes locais, facilitando a mudança política numa escala sem precedentes. A escravidão ali estava intimamente associada a essa transformação, não apenas porque os escravos eram o principal item de exportação, mas também porque eles tornaram-se muito mais comuns na sociedade local do que anteriormente.

(LOVEJOY, Paul E. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002).



A história do Brasil não pode ser escrita sem considerarmos o que estava acontecendo no outro lado do Atlântico, em cada uma das regiões de onde o Brasil recebia escravos para povoar e desenvolver o seu vasto território.

(Costa e Silva, p. 24)





Leia estes textos e responda:

- a. Em que medida as “relações atlânticas” promovem rupturas na África?
- b. Em que medida essas mesmas relações definem o que virá a ser chamado Brasil?

Anote suas
respostas em
seu caderno

As sociedades indígenas

Se perguntarmos à Wikipedia o que é um indígena, receberemos a seguinte resposta:

“São designados como **povos aborígenes, autóctones, nativos**, ou **indígenas**, aqueles que viviam numa área geográfica antes da sua colonização por outro povo ou que, após a colonização, não se identificam com o povo que os coloniza. A expressão **povo indígena**, literalmente "*originário de determinado país, região ou localidade; nativo*", é muito ampla, abrange povos muito diferentes espalhados por todo o mundo. Em comum, têm o fato de que cada um se identifica com uma comunidade própria, diferente acima de tudo da cultura do colonizador.”
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%ADgenas>.

Reparou que a nomenclatura implica uma relação colonial? Pois é. Ao chegarem às Américas, os colonizadores europeus definiram os habitantes da terra como *índios*. Mais uma vez, a diversidade e especificidade das organizações sociais nativas foram subordinadas à lógica dos conquistadores. Etnocentrismo e eurocentrismo. Lembra?

Também no continente americano, a generalização resultou imprecisa e preconceituosa. É que por aqui viviam povos muito diferentes entre si. Para se ter uma ideia, somente no que viria a ser o Brasil havia inúmeras tribos, falando diversos idiomas.



Figura 8: América pré-colombiana.

Na América Central e no México, os Maias haviam desenvolvido uma civilização cuja memória se eternizou em construções como o templo de Tikai. Os Maias não chegaram a organizar um estado centralizado; desenvolveram um tipo de organização dividido em famílias, onde cada centro urbano possuía autonomia e comandava as comunidades camponesas ao seu redor. Tinham conhecimentos avançados em astronomia, matemática, atividades médicas e farmacêuticas. Mas, sem dúvida, a arquitetura e a engenharia representaram as áreas de conhecimento mais desenvolvidas por eles. Seus grandes centros religiosos, pirâmides e canais de irrigação de água surpreenderam os conquistadores europeus.



Figura 9: Pirâmide maia na cidade de Chichen Itza, México.

No atual México e nos Andes, desenvolveram-se duas civilizações urbanas, complexas e de grande concentração populacional: a Asteca e a Inca.

Organizados na forma de império, os astecas conviviam com diversos idiomas, costumes e culturas diferentes. A unidade se dava através do aspecto religioso e, principalmente, através da centralização militar. A sustentação da economia do império era baseada no pagamento de tributos em forma de mercadorias agrícolas, essencialmente cereais como milho e feijão.

Ao contrário dos Astecas, o império Inca era bastante centralizado. O estado era capaz de controlar rigidamente a vasta extensão territorial, que hoje corresponde ao norte da Argentina, o Chile, o Peru até a fronteira do Equador. Criou-se uma burocracia administrativa e militar em que funcionários do Estado, a classe mais privilegiada da sociedade, podiam controlar a produção agrícola por todo o território.



Saiba Mais

Mita – Forma de trabalho compulsório empregado na extração de minérios. Os índios eram escalados por sorteio para uma temporada de serviços. Ao final da temporada recebiam uma baixa quantidade do minério extraído.

Encomienda – Sistema de trabalho que deixava as comunidades indígenas sob os cuidados de um *encomendero*, que poderia utilizar a mão de obra para o desenvolvimento de atividades agrícolas ou extração de metais preciosos. Em troca, o *encomendero* deveria assegurar o oferecimento da educação religiosa cristã para a comunidade nativa.



Figura 10: Tláloc, deus náhuatl, da chuva.

Muito diferente disso era a realidade dos povos que habitavam o território brasileiro. Esses povos eram, em sua maioria, **nômades** e **seminômades**, viviam em sociedades igualitárias sem a preocupação de acumular excedentes para a sobrevivência. Como não conheciam a escrita, as fontes utilizadas para desvendar sua história são, em sua maioria, arqueológicas. Divididos em tribos, de acordo com o tronco linguístico ao qual pertenciam, eram: tupi-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques (Amazônia) e caraíbas (Amazônia).

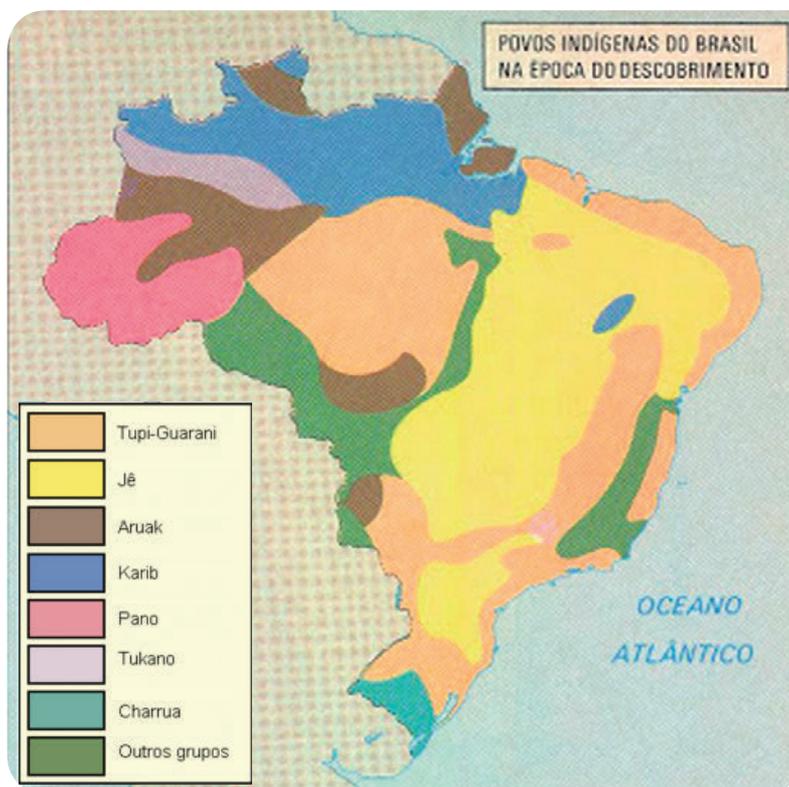


Figura 11: Distribuição das comunidades indígenas à época da chegada dos europeus.

Nômade

Pessoa ou comunidade sem moradia fixa, que vive permanentemente mudando de lugar. Em geral, as mudanças são realizadas em função da falta de alimentos.

Seminômade

Pessoa ou comunidade que mantém residência fixa por um curto período de tempo. Em geral, em moradias portáteis, com o desenvolvimento de uma pequena agricultura.



Figura 12: Povos indígenas.

Atividade
2

“

A cidade Asteca de Tenotchtlán

“Quando lá chegamos, ficamos atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como a vasta quantidade de mercadorias. Cada espécie tinha seu lugar particular, que era distinto por sinal. Os artigos consistiam em ouro, prata, joias, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de juta, grande número de escravos homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras e longos paus.”

Citado por MEGGERS, Betty. *América pré-histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

”



A cidade de Cuzco

“Era grande e majestosa e deve ter sido fundada por gente capaz e inteligente. Tem ruas muito boas, embora estreitas, e as casas estão construídas de maciças pedras (...) Cuzco era a cidade mais rica das Índias, pelo grande acúmulo de riquezas que chegavam a ela com frequência.”

LEON, Pedro Cieza de. *The travels of Pedro Cieza Leon*, 1553. In: GUALDAMES, Osvaldo Silva. *Civilizações prehispanicas de América*. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1985.



Sabendo-se que os dois textos foram escritos por europeus,

- Retire pelo menos dois trechos que demonstram a surpresa dos conquistadores em relação aos conquistados.
- Justifique o uso do termo “índio” para nomear as populações nativas da América.
- Uma descrição como esta poderia ter sido feita sobre as populações nativas do Brasil? Por quê?



Conquista e colonização

O encontro das culturas africana, americana e europeia se deu no contexto da expansão marítima e comercial que, entre os séculos XV e XVI, procurou resolver os problemas econômicos europeus decorrentes, entre outros aspectos, da falta de metais preciosos e da necessidade de vencer o monopólio muçulmano sobre o comércio de especiarias.

Você deve se lembrar também de que os portugueses foram os primeiros a chegar ao Oriente, navegando pelo Atlântico. A partir daí, o eixo comercial foi progressivamente deslocado do Mar Mediterrâneo para o Oceano Atlân-

tico. Esse deslocamento correspondeu ao declínio de poder das cidades italianas e, ao mesmo tempo, à projeção de Portugal, Espanha, França e Inglaterra.

Sob a marca da fé cristã e correspondendo aos interesses **mercantilistas**, esses países dominaram a costa africana, a América, além de pontos na Ásia. De acordo com o historiador Francisco Falcon,

“

o mercantilismo deve ser entendido como o conjunto de ideias e práticas econômicas que caracterizam a história econômica europeia e, principalmente, a política econômica dos Estados Modernos europeus durante o período situado entre os séculos XV, XVI e XVIII.

(FALCON, Francisco. *Mercantilismo e transição*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 7)

”

Apesar das variações no espaço e no tempo, as práticas mercantilistas se caracterizam pela intervenção do Estado na economia, regulando a produção e circulação de bens, e a busca da balança comercial favorável, o que implica práticas de proteção alfandegária e protecionismo do mercado interno. A meta seria fortalecer o Estado através do entesouramento de metais preciosos no território nacional. As regras de exclusividade comercial e pacto colonial são derivadas desta compreensão.

Portugal e Espanha adotaram as práticas mercantilistas metalistas ou bulionistas que se baseavam na ideia de que a riqueza corresponde à capacidade de acumular o máximo de ouro e prata. Com o domínio das rotas atlânticas, do comércio de escravos e, principalmente, da extração de ouro e prata nas colônias da América, os países ibéricos assumiram liderança econômica incontestável entre os séculos XV e XVII.

Não tardou, contudo, para que França, Inglaterra e Holanda se lançassem à conquista colonial e inventassem práticas mercantilistas próprias. Assim, os franceses procuraram impulsionar a produção de produtos industriais que pudessem favorecer a balança comercial daquele país. Já os ingleses, apoiados em proposta semelhante, desenvolveram a marinha mercante como forma de obtenção de riquezas e favorecer sua expansão colonial rumo à Pérsia, à Índia e à América. Os holandeses se especializaram na circulação de mercadorias e do crédito, tendo se transformado em transportadores, gerenciadores do comércio colonial e banqueiros.

Dentre as práticas mercantilistas, podemos destacar:

Balança comercial favorável – Estratégia econômica que buscava favorecer as exportações e limitar as importações de forma a garantir a acumulação de riquezas dentro do país.

Protecionismo alfandegário – Consistia na cobrança de impostos sobre a importação de produtor estrangeiros, encarecendo-os. Desta forma, buscava-se favorecer a venda de produtos nacionais de um país em seu território.

Metalismo – Política econômica baseada na ideia de que a riqueza de um país era equivalente à quantidade de metais preciosos que conseguisse acumular em seus tesouros. Conquistar e manter áreas produtoras de ouro e prata tornava-se, por isso, o tema central da política econômica dos governos.

Exclusivismo comercial – Como se acreditava que a riqueza disponível sobre a terra, especialmente em metais preciosos, era finita e inelástica, a concepção mercantilista sustentava que os países que primeiro conquistassem áreas produtoras de riquezas deveriam mantê-las de forma exclusiva, impedindo a ação de outros países naquela região. O pacto colonial é uma das regras de manutenção da exclusividade ou do exclusivo comercial. Não é por acaso, portanto, que a atividade corsária e a pirataria se desenvolveram neste período. Assim como alguns Estados esperavam manter sua posse exclusiva sobre regiões produtoras de riquezas e rotas comerciais, outros se sentiam no direito de disputá-las.



Saiba Mais

Preocupadas em estabelecer regras rígidas na relação com as suas colônias, foram estabelecidos a exclusividade comercial da colônia com a sua metrópole, o controle dos portos, o combate ao contrabando e as limitações na produção de artigos manufaturados, a fim de estimular a compra das manufaturas europeias, que faziam parte de um conjunto de medidas representativas do pacto colonial.

Seção 2

Colonizações – inglesa, francesa e espanhola

A colonização do continente americano foi um importante capítulo dos interesses dos países europeus para escapar de conflitos políticos-religiosos, desafogar excedentes demográficos e principalmente atender às práticas mercantilistas.

Um percurso pela América colonial nos fará perceber as diferentes modalidades de colonização e os diferentes impactos nas sociedades envolvidas. Mas que mecanismos e habilidades os colonizadores da Inglaterra, da França e da Espanha desenvolveram para a conquista da América? Vejamos mais de perto as diferentes modalidades coloniais.

A colonização inglesa da América do Norte, terras que hoje chamamos de Estados Unidos, ocorreu de forma lenta e descontínua. Seja em razão de conflitos políticos e religiosos, seja devido ao maior interesse dos comerciantes.

A ocupação inicial foi promovida por empresas particulares ou pelos próprios colonos que determinaram as formas de exploração da riqueza e utilização da mão de obra.

Ali foram organizadas, ao longo do século XVII, 13 colônias divididas entre Norte e Sul.

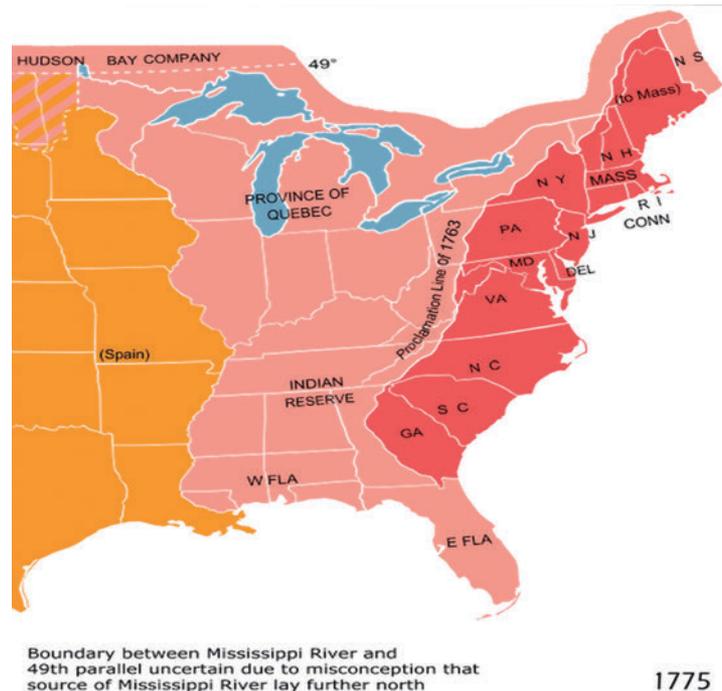


Figura 13: As treze colônias.

O Sul, considerado pelos historiadores como colônia de exploração, possuía o clima mais adequado para os produtos tropicais que os europeus buscavam. Nessa região, foi implantada uma economia na forma *plantation* – um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de mão de obra escrava.

Já a ocupação da região norte obedeceu a critérios muito diferentes dos estabelecidos em outras regiões americanas. Ali foram criadas colônias de refugiados políticos e religiosos, interessados em construir uma nova sociedade baseada na sua consciência religiosa, denominada Nova Inglaterra. Esta região desenvolveu pequenas propriedades com trabalho familiar voltado para o consumo interno. A Inglaterra não interferiu no desenvolvimento das atividades manufatureiras e comerciais no Norte porque estava mais interessada nos gêneros tropicais produzidos pelas colônias do Sul.

Essa maior liberdade econômica – mais presente, como vimos, nas regiões do Norte – foi acompanhada de certa autonomia política, que permitiu a criação de órgãos representativos dos próprios colonos, o que foi muito importante para a garantia de alguns direitos perante a política colonial.



Saiba Mais

Para explicar as diferenças na realidade colonial, alguns autores dividem as colônias americanas em dois tipos: as de **povoamento** e as de **exploração**. O Norte era de povoamento por causa da falta de riquezas que interessavam aos europeus, enquanto o Sul era colônia de exploração porque era vinculada à lógica mercantilista de exploração de produtos tropicais, como tabaco e algodão.

No que diz respeito à França, as tentativas colonizadoras dos franceses se deram de forma tardia, comparada aos países ibéricos. As primeiras ocupações aconteceram entre 1555 e 1567, no Brasil, quando a região litorânea do Rio de Janeiro e parte do território onde hoje fica o estado do Maranhão ficaram sob o controle de **corsários** franceses. Ambas tentativas foram frustradas pela força colonial portuguesa, que impediu a conquista.

Corsário ou corso

Embarcação armada de propriedade privada que tinha autorização do governo de seu país de origem para atacar navios e invadir territórios de países inimigos.

A primeira tentativa colonizadora bem-sucedida dos franceses na América ocorreu no Haiti. Nessa região, foram explorados gêneros agrícolas por meio da utilização da mão de obra escrava. Apesar de um curto período na América do Norte, a França também exerceu domínio sobre algumas regiões, principalmente em Quebec, no Canadá, e no Mississipi, nos Estados Unidos.

Ao contrário do que aconteceu em países como a Inglaterra, Espanha e Portugal, o projeto de conquista territorial não teve patrocínio por parte do Estado francês. Além disso, a derrota sofrida na **Guerra dos Sete Anos** (1756-1763) contra os ingleses contribuiu para o declínio das ambições colonizadoras da França em território americano.

Guerra dos Sete Anos

A Guerra dos Sete Anos foi um conflito travado entre diversos países europeus em torno do controle de regiões de exploração colonial. Um dos lados, liderado pela França com apoio da Áustria, procurava disputar com a Inglaterra a liderança das regiões da América do Norte e da Índia. A Inglaterra, apesar de vencedora do conflito, ficou em péssimas condições financeiras, decidindo penalizar os colonos com parte dos custos da guerra.

Pela Espanha, por outro lado, a ocupação do território se deu de forma bastante diferente. Quando os colonizadores espanhóis começaram a tomar o território americano, no final do século XV, se depararam com algumas sociedades com alto grau de organização, como os astecas, os maias e os incas. A existência dessas sociedades fez com que a presença dos nativos fosse um traço fundamental na construção das colônias espanholas. Vejamos como isso ocorreu.

Hoje em dia, quando vamos ao mercado, encontramos grande quantidade de produtos produzidos aqui no Brasil. Apesar dos contrastes de renda e consumo, o país possui um conjunto de atividades econômicas capazes de atender às necessidades da população. Mas no período colonial não era assim. A regra geral era produzir um número reduzido de produtos para o mercado externo. Mas por que isso ocorria?

Até meados do século XVI, a ação portuguesa se restringia à extração do pau-brasil – madeira que servia como corante vermelho de grande valor comercial na Europa. Nesta fase da colonização, os portugueses adquiriam a madeira por meio do **escambo**, em que os portugueses ofereciam produtos de utilidade cotidiana como espelhos, facas e pentes em troca do trabalho indígena.

Escambo

Troca de bens ou serviços sem intermediação do dinheiro.

Mais tarde, com a necessidade de aumentar a comercialização e, ao mesmo tempo, manter a posse das terras conquistadas, a Coroa portuguesa começou a investir na produção de açúcar, nas terras que, mais tarde, foram chamadas Brasil. Este modelo de exploração, bastante lucrativo para a época, já tinha sido implantado por Portugal em outros lugares, como na ilha da Madeira, na costa da África.

Em linhas gerais, podemos afirmar que, entre as estratégias de exploração e ocupação do território por Portugal, podemos destacar:

- A Coroa portuguesa distribuía sesmarias – porções significativas de terras – a particulares que se responsabilizavam pela produção.
- A produção de açúcar se concentrou em engenhos.
- A mão de obra escrava era africana.
- O financiamento e a distribuição ficavam por conta de comerciantes e banqueiros da Holanda, que eram sócios de Portugal nesse empreendimento.

Saiba Mais

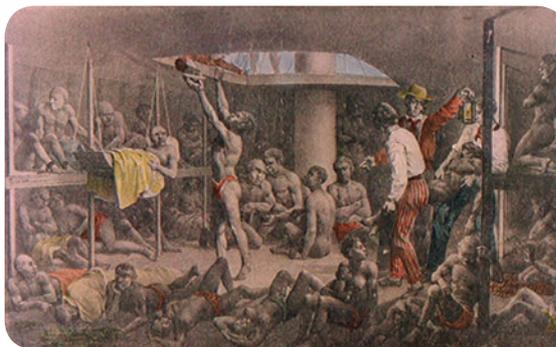


Figura 15

Para sustentar a produção de cana-de-açúcar, os portugueses começaram a importar africanos como *mão de obra escrava*. Essas pessoas eram capturadas e comercializadas em feitorias europeias na África – muitas vezes com a ajuda de tribos rivais – e atravessadas pelo oceano Atlântico em navios negreiros. A travessia do continente africano para o Brasil era feita com os negros empilhados de maneira mais insalubre possível; nessas condições, muitos não conseguiam chegar com vida. Ao chegarem à América, eram comercializados como mercadorias e obrigados a trabalhar nas plantações ou nas casas dos colonizadores.

Estes fatos foram decisivos para a implantação da *empresa açucareira* nas terras brasileiras. Mas como administrar esse empreendimento? Como atrair membros da elite portuguesa para terras tão distantes?

A solução que a Coroa portuguesa encontrou para ocupar este imenso território foi a adoção do sistema de **capitanias hereditárias**. O território foi dividido em 15 grandes faixas de terra que passaram a ser administradas, cada uma delas, por um capitão-donatário, como mostra o mapa (fig.14, na página seguinte):

Capitanias Hereditárias

Sistema de administração territorial criado pelo rei de Portugal, D. João III, em 1534, que consistia em dividir o território em grandes faixas e entregá-las a particulares, principalmente nobres com boas relações com a Coroa.

Capitão-donatário

Administrador que representava os interesses e a autoridade dos donos das capitanias.

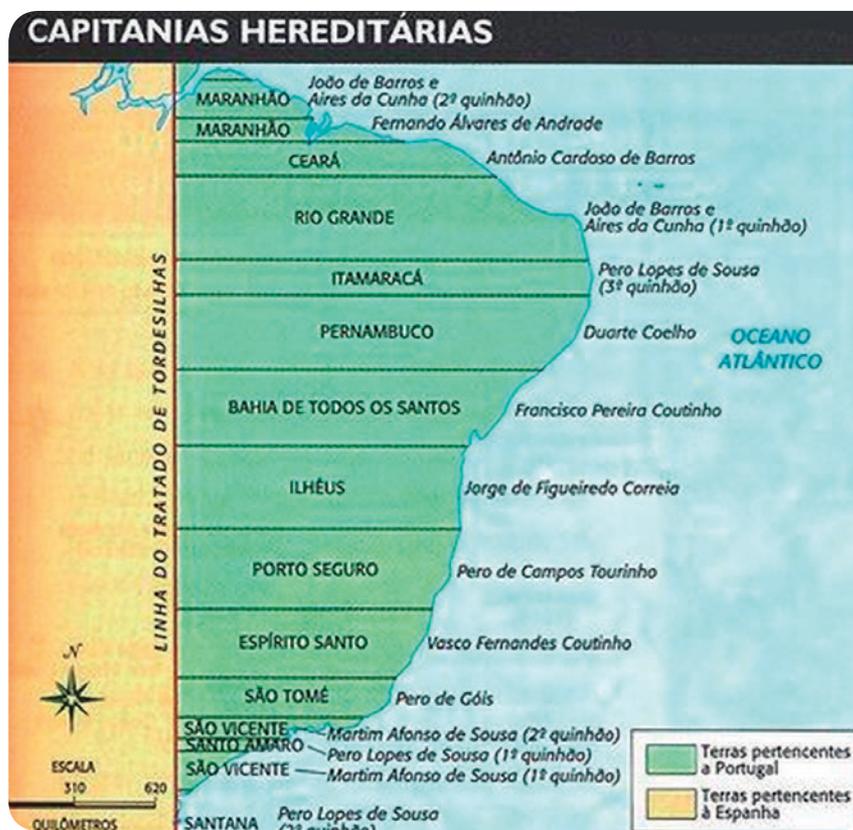


Figura 16: Capitânicas Hereditárias.

Portugal deu amplos poderes, administrativos e econômicos, aos donatários. A eles cabia decidir pela justiça, pelo recolhimento de impostos e distribuição de sesmarias.

Esta experiência, contudo, não durou muito tempo. Apenas duas capitânicas, São Vicente (parte do atual estado de São Paulo) e Pernambuco, transformaram-se em importantes centros de produção de açúcar.

O interesse em outros empreendimentos, como o comércio de especiarias, a carência de recursos e a resistência indígena ao trabalho forçado foram apenas algumas das razões que fizeram com que a Coroa portuguesa criasse uma estrutura administrativa mais centralizada, na forma de **Governo Geral**. Ao governador-geral caberia administrar a colônia, combater rebeliões e defender o território de invasões estrangeiras.

Governo Geral

Modalidade de governo centralizador que o governo de Portugal instituiu para administrar a colônia. Em vias gerais, o governo geral deveria viabilizar a criação de novos engenhos, combater o comércio ilegal, defender os colonos e realizar busca de metais preciosos. Mesmo centralizador, o governo geral trouxe a criação de novos cargos administrativos, como o de ouvidor-mor (responsável pela resolução de problemas de natureza jurídica) e o provedor-mor (responsável pelos gastos administrativos e arrecadação de impostos).



Figura 17: Chegada de Tomé de Sousa, primeiro governador-geral, à Bahia, em 1549.

A Igreja Católica teve um importante papel no processo de colonização, representada pela ordem dos jesuítas. Eles tinham o objetivo de levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas, principalmente na América. Para isso, os jesuítas criaram aldeamento onde podiam catequizar índios, transmitindo-lhes além da religião católica, a língua e os costumes europeus.



O processo de colonização se deu, portanto, através da agroexportação – produção agrária voltada para a exportação – e de medidas de administração e controle da vida dos colonos.

No decorrer do século XVII, o Nordeste se tornou o centro da área produtiva da colônia. Em torno da produção do açúcar se desenvolveram algumas atividades como a pecuária e o plantio de tabaco que, aos poucos, foram assumindo importância para o mercado interno.

A colônia era um negócio tão lucrativo que se tornou a principal fonte de renda da Coroa portuguesa. Esta estabeleceu o exclusivo comercial, ou seja, tratou de segurar esse comércio para si estabelecendo leis que obrigavam os produtores a vender seus produtos apenas para comerciantes que tinham a permissão do governo de Portugal.

Resumo

Na Unidade, 2 estudamos:

- As relações atlânticas, implantadas e empreendidas pelos europeus a partir da Expansão Marítima e Comercial, nos séculos XV e XVI, provocaram alterações nas realidades africana, americana e europeia.
- Havia diversidade e heterogeneidade das sociedades africanas, tanto do ponto de vista cultural quanto étnico ou tecnológico.
- A diáspora africana estava relacionada aos efeitos do processo de ampliação das trocas comerciais, principalmente o comércio de escravos, com os europeus, a partir do século XV.
- Havia diversidade e heterogeneidade das sociedades americanas, particularmente entre os Maias, Astecas, Incas e nativos do Brasil.
- O mercantilismo, com as práticas específicas dos diferentes estados nacionais europeus, foi um dos motores da expansão europeia sobre territórios da África, Ásia e América.
- Havia especificidades entre as colonizações inglesa, francesa e espanhola.
- A exploração econômica do Brasil foi baseada no exclusivo comercial e no pacto colonial.
- A Coroa portuguesa utilizou diferentes estratégias para produzir e administrar a colônia, como, por exemplo, as capitânicas hereditárias e os governos gerais.
- A empresa açucareira tornou-se base do processo de colonização. As formas de aproveitamento da mão de obra e da divisão do espaço deixaram marcas que podemos observar na organização da sociedade brasileira atual.

Veja ainda

Para ampliar seus conhecimentos sobre os assuntos tratados nesta Unidade, damos as seguintes sugestões de filmes.

1492: a viagem ao paraíso. Ridley Scott, 1992.

A Conquista do Paraíso é uma grande aventura com cenas deslumbrantes captadas pelo diretor Ridley Scott estrelada por Gérard Depardieu. Ele interpreta Cristóvão Colombo, um intrépido navegador que descobre uma nova rota para chegar às Índias. O filme trata das duas primeiras viagens que se tornaram um marco na vida desse almirante e nos leva à terceira e última etapa da deslumbrante aventura.

Caramuru: a invenção do Brasil. Guel Arraes, 2001.

O filme tem como ponto central a história de Diogo Álvares, artista português, responsável por uma das lendas que povoam a mitologia brasileira – a do Caramuru. A história gira em torno do romance entre o português e as irmãs nativas Paraguaçu e Moema. No Brasil, os três viviam em perfeita harmonia. Algum tempo depois, Diogo viaja para a França para ser condecorado pelo rei, mas somente Paraguaçu consegue chegar à embarcação. Na Europa, ela e Diogo continuam sua história de amor, com todos os impactos da cultura europeia na vida de uma índia.

Desmundo. Alain Fresnot, 2003.

O filme é ambientado em 1570, época em que os portugueses enviam órfãs ao Brasil para que se casassem com os colonizadores. A tentativa era minimizar o nascimento dos filhos com as índias e que os portugueses tivessem casamentos brancos e cristãos. Essas órfãs viviam em conventos e muitas delas desejavam ser religiosas.

Diário de um Novo Mundo. Paulo Nascimento, 2005.

Em 1752, um navio cruza o oceano Atlântico, com a fome e a doença afetando a embarcação. Um dos passageiros é o médico e escritor Gaspar de Fróes, que narra em seu diário os percalços da viagem e a chegada ao Brasil. Após chegar, Gaspar se apaixona por Maria, a esposa de um militar português influente, o que lhe causa problemas na nova terra.

Referências

Livros

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial: vol. I, do descobrimento à expansão territorial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BETHEL, Leslie. *América Latina Colonial*. Volumes I e II. São Paulo: Edusp, 1998.

Imagens

Figura 1: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Travels_of_Marco_Polo.png

Figura 2: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22062>

Figura 3: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22062>

Figura 4: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22062>

Figura 5: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African_continent-pt.svg

Figura 6: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:African-civilizations-map-pre-colonial.svg>

Figura 7: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Africa>

Figura 8: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22502>

Figura 9: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pir%C3%A2mide_\(arquitetura\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pir%C3%A2mide_(arquitetura))

Figura 10: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:TI%C3%A1loc.jpg>

Figura 11: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco/visualizar_aula&aula=53010&secao=espaco&request_locale=es

Figura 12: http://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ind%C3%ADgenas_do_Brasil

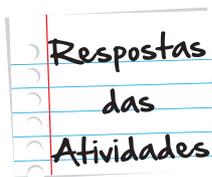
Figura 13: http://pt.wikipedia.org/wiki/Treze_Col%C3%B4nias

Figura 14: http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_espanhola

Figura 15: http://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_negreiro

Figura 16: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26786>

Figura 17: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A9_de_Sousa



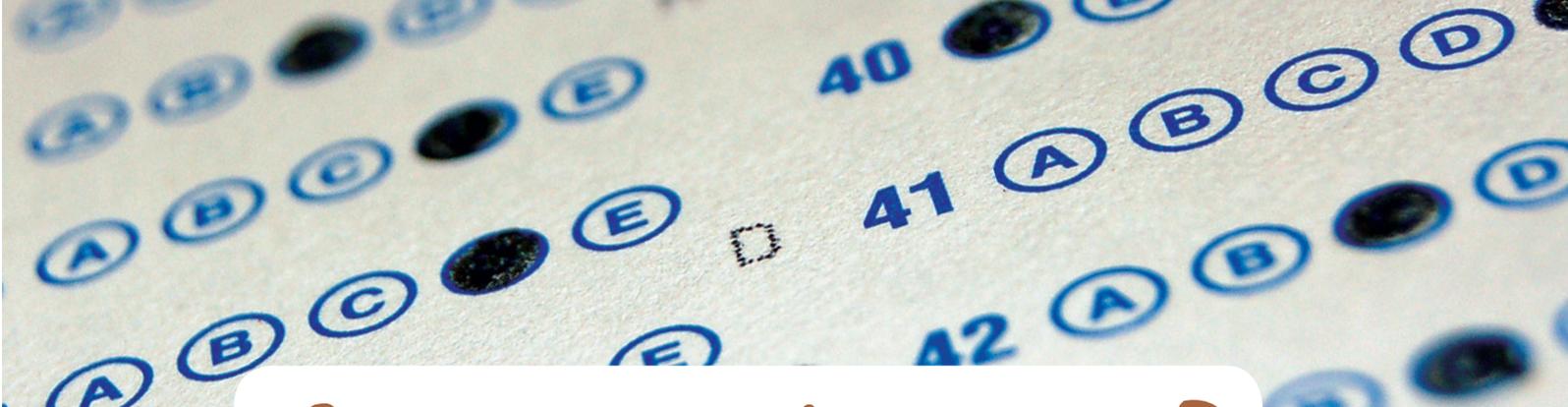
Atividade 1

- a) Dentre as rupturas promovidas pelas relações atlânticas na África, você deverá responder que retirou o litoral africano do seu estado de isolamento comercial com outras nações e intensificou o comércio exportador de pessoas para o trabalho escravo.
- a) As relações atlânticas estiveram relacionadas com as terras que passaram a ser chamadas posteriormente de Brasil, por receber centenas de milhares de pessoas oriundas do continente africano, em situação de escravidão, para desenvolverem, como mão de obra, o projeto colonial estabelecido por Portugal.

Atividade 2

- a) Dentre dois trechos que você poderá demonstrar estão: no primeiro texto – “Quando lá chegamos, ficamos atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como a vasta quantidade de mercadorias.”; “Cada espécie tinha seu lugar particular, que era distinto por sinal.”; “Os artigos consistiam em ouro, prata, joias, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de juta, grande número de escravos homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras e longos paus”; no segundo texto – “Era grande e majestosa e deve ter sido fundada por gente capaz e inteligente”; “Tem ruas muito boas, embora estreitas, e as casas estão construídas de maciças pedras (...)”.

Você deverá responder que, neste caso, o termo “indígena” estaria relacionado a uma forma eurocêntrica de mundo no sentido de denominar e generalizar povos nativos da América, com organizações sociais e culturas distintas do colonizador.



O que perguntam por aí?

Questão 1 - (UFF 2003)

Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, vários aspectos estabeleceram a diferença entre a colonização portuguesa – dos semeadores – e a colonização espanhola – dos ladrilhadores. Identifique a opção que revela uma diferença observada no tocante à construção das cidades no Novo Mundo.

- a. As formas distintas de construção das cidades no Novo Mundo derivaram do modo como a Espanha concebeu a ideia renascentista de homem, o que fez seus navegadores, ao contrário dos portugueses, considerarem os indígenas americanos como seus pares;
- b. As cidades portuguesas na Costa da América tornaram-se feitorias por um acordo de não concorrência firmado entre Espanha e Portugal, expresso no Tratado de Tordesilhas, pelo qual a Espanha ficou encarregada das áreas de mineração;
- c. As experiências comerciais na Ásia e na África acentuaram o papel da circulação nas práticas mercantilistas de Portugal; por isso, as cidades portuguesas da América eram feitorias, diferentemente das espanholas que combinavam comércio e produção;
- d. As cidades portuguesas na América – feitorias – constituíram-se centros comerciais por influência direta do modelo de Veneza e Florença. As cidades espanholas, por outro lado, tiveram como modelo a experiência urbana manufatureira francesa;
- e. As cidades portuguesas especializaram-se em organizar a entrada de produtos agrícolas no território colonizado, enquanto as espanholas atuaram como núcleos mercantis voltados para a criação de mercados consumidores de produtos manufaturados da metrópole.

Resposta: Letra E

Questão 2 - (UFF 2004)

(...) se a região [colonial] possui uma localização espacial, este espaço já não se distingue tanto por suas características naturais, e sim por ser um espaço socialmente construído, da mesma forma que, se ela possui uma localização temporal, este tempo não se distingue por sua localização meramente cronológica, e sim como um determinado tempo histórico, o tempo da relação colonial. Deste modo, a delimitação espaço temporal de uma região existe enquanto materialização de limites dados a partir das relações que se estabelecem entre os agentes, isto é, a partir de relações sociais. (Ilmar Rohloff de Mattos. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, 1987, p. 24)

A partir do texto, podemos entender que a empresa colonial é produtora de uma região e de um tempo coloniais, definidos pelas relações sociais construídas por suas características internas e pela maneira como se relaciona com o que se situa fora dessa mesma região colonial. A Afroamérica, produto da ocupação do Novo Mundo, principalmente por portugueses, espanhóis e ingleses, pode ser compreendida, nessa perspectiva, como um conjunto de:

- a. economias subordinadas ao mercado mundial capitalista e à lógica do capital industrial, garantindo a penetração do capitalismo no continente americano, o que explica a rápida industrialização ocorrida no século XIX, como desdobramento da revolução industrial;
- b. sociedades que reproduziam as existentes nas metrópoles, podendo ser compreendidas a partir da substituição do trabalho compulsório das relações feudais pelo trabalho livre;
- c. economias surgidas na lógica do mercantilismo, no caso da Inglaterra, e do feudalismo, nas colônias ibéricas, sendo o comércio a principal preocupação dos britânicos, enquanto os governos de Portugal e Espanha privilegiavam a expansão do poder da Igreja;
- d. sociedades com organização socioeconômica diferente da existente nas metrópoles, tendo na exploração do trabalho escravo a base da produção da riqueza, que era, em grande parte, transferida para as metrópoles, segundo a lógica do capital comercial;
- e. economias baseadas na monocultura de produtos de grande demanda na Europa, gerando uma sociedade polarizada entre Senhores e Escravos, não possibilitando a formação de um mercado interno e o surgimento de outras classes sociais.

Resposta: Letra E

Questão 3 - (PUC-RJ)

Sobre as relações estabelecidas entre europeus e povos nativos do continente americano por ocasião das conquistas e colonização das terras no Novo Mundo, estão corretas as afirmativas, à exceção de:

- a. A catequese das populações nativas, fundamentada no princípio da tolerância religiosa, viabilizou o enraizamento dos valores cristãos;
- b. A ocorrência de guerras e a propagação de epidemias contribuíram de modo significativo para a drástica redução demográfica das populações nativas;
- c. Entre as imagens que os europeus construíram acerca do Novo Mundo, destacavam-se as visões que ressaltavam a pureza dos povos nativos e a fertilidade da terra;
- d. O estabelecimento de alianças bélicas, favorecidas pelas rivalidades entre os povos nativos, contribuiu para a conquista europeia;
- e. Os conquistadores europeus valeram-se de práticas de escambo e formas de trabalho compulsório, já existentes entre os povos nativos da América, para consolidarem novas relações de dominação.

Resposta: Letra D

Questão 4 - (U. Santa Úrsula-RJ)

A partir do século XVI, várias potências europeias invadiram a América Portuguesa; entre elas destacamos a Invasão Francesa no Rio de Janeiro entre 1555-1567. O objetivo da França era:

- a. O interesse no comércio açucareiro, organização e montagem de engenhos e intensificação do tráfico negreiro.
- b. A disputa pelo comércio colonial, isto é, a exploração do pau-brasil e a criação da França Antártica.
- c. A aceitação dos indígenas à dominação francesa e o conflito entre colonos e jesuítas pelo domínio e controle da mão de obra indígena.
- d. A possibilidade de formação de novas classes sociais vindas da França, mas empobrecidas pelas lutas religiosas.
- e. A cobiça dos franceses pelas terras das Capitanias Hereditárias e exploração das “drogas do sertão” e do açúcar.

Resposta: Letra B



